

FACULDADE LABORO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

JANMILLY SODRÉ GUIMARÃES
MARCELO BRUSTELLO DIAS BORGES
EDUARDO DOS SANTOS AIRES

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ADOLESCÊNCIA: princípios, benefícios e
estratégias de ensino

São Luís – MA
2025

JANMILLY SODRÉ GUIMARÃES
MARCELO BRUSTELLO DIAS BORGES
EDUARDO DOS SANTOS AIRES

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ADOLESCÊNCIA: princípios, benefícios e
estratégias de ensino

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Administração pelo curso de
Administração da Faculdade Laboro.

Orientadora: Prof^a. Ma. Fábiana Elina dos Santos
Araújo

São Luís – MA
2025

Ficha Catalográfica gerada pela Biblioteca Rosemary Lindholm
Claudionilson Gusmão Martins - Bibliotecário

G963e

Guimarães, Janmilly Sodré.

Educação financeira na adolescência: princípios, benefícios e estratégias de ensino / Janmilly Sodré Guimarães, Marcelo Brustello Dias Borges, Eduardo dos Santos Aires. – São Luís, 2025.

17 f.

Orientadora: Profa. Ma. Fábila Elina dos Santos Araújo.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Faculdade Laboro, 2025.

1. Educação financeira. 2. Finanças pessoais. 3. Adolescência. 4. Administração. I. Borges, Marcelo Brustello Dias. II. Aires, Eduardo dos Santos. III. Araújo, Fábila Elina dos Santos (Orient.). IV. Faculdade Laboro. V. Título.

CDU: 336:37

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA ADOLESCÊNCIA: princípios, benefícios e estratégias de ensino

Trabalho de Conclusão de Curso

Janmilly Sodré Guimarães (Aluna); Marcelo Brustello Dias Borges (Aluno); Eduardo dos Santos Aires (Aluno); Fábiana Elina dos Santos Araújo (Orientadora).

janmilly6076@aluno.laboro.edu.br

RESUMO

A educação financeira na adolescência é um tema fundamental para a formação cidadã e para o desenvolvimento da autonomia dos jovens diante das exigências econômicas da sociedade contemporânea. Este artigo tem como objetivo analisar os princípios, benefícios e estratégias de ensino aplicáveis à educação financeira no contexto escolar, considerando a adolescência como um período decisivo para a construção de valores, atitudes e hábitos relacionados ao uso consciente do dinheiro. A pesquisa foi desenvolvida com base em uma revisão de literatura exploratória e qualitativa, voltada à identificação de práticas pedagógicas e fundamentos que favorecem a aprendizagem significativa. Os resultados apontam que a educação financeira ultrapassa a dimensão técnica da gestão de recursos, assumindo um papel formativo que envolve aspectos éticos, sociais e críticos. Entre os benefícios observados, destacam-se o fortalecimento da autonomia, da responsabilidade e do consumo consciente, além da prevenção do endividamento precoce. As estratégias de ensino mais eficazes incluem metodologias ativas, como projetos interdisciplinares, jogos educativos, estudos de caso e o uso de tecnologias digitais, que conectam o conteúdo à realidade dos estudantes. Conclui-se que a inserção da educação financeira nas escolas contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral dos adolescentes, preparando-os para decisões econômicas mais responsáveis e conscientes, e fortalecendo, assim, o exercício da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada financeiramente.

Palavras-chave: Educação financeira; Adolescência; Estratégias de ensino; Consumo consciente; Cidadania.

1 INTRODUÇÃO

A realidade econômica e social contemporânea exige que os indivíduos desenvolvam competências financeiras desde cedo, especialmente diante do crescimento do consumo digital, do acesso facilitado ao crédito e da influência da mídia nas decisões de compra. Nesse cenário, a educação financeira na adolescência torna-se um instrumento indispensável para a formação de cidadãos críticos e conscientes, capazes de planejar, administrar e refletir sobre o uso dos recursos financeiros de forma responsável. O domínio desses conhecimentos ultrapassa a dimensão econômica, alcançando aspectos éticos, sociais e psicológicos que integram a formação humana (Campos; Kistemann, 2013).

A adolescência é um período de construção de identidade, marcado por descobertas, escolhas e início de responsabilidades. Inserir a educação financeira nesse momento da vida é contribuir para que os jovens compreendam o valor do dinheiro, a importância do planejamento e as consequências de decisões impulsivas. Ao desenvolver a capacidade de análise e tomada de decisão financeira, o adolescente fortalece sua autonomia e se prepara para lidar com os desafios do mundo do trabalho e da vida adulta de maneira equilibrada (Silva *et al.*, 2023).

No ambiente escolar, a educação financeira pode ser abordada como um eixo formativo transversal, capaz de articular conteúdos de diferentes áreas do conhecimento. Essa interdisciplinaridade possibilita que temas como economia, ética, sustentabilidade e cidadania sejam discutidos de forma integrada, favorecendo aprendizagens significativas. Além disso, a escola exerce papel essencial ao democratizar o acesso ao conhecimento financeiro, contribuindo para reduzir desigualdades e promover uma cultura de consumo consciente (Matos *et al.*, 2022).

A crescente inserção de políticas públicas e diretrizes educacionais, como as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), reforça a necessidade de trabalhar a educação financeira como competência geral da educação básica. A partir dessa perspectiva, o ensino financeiro deixa de ser visto como conteúdo técnico e passa a ser entendido como prática de cidadania e formação integral. Assim, a escola se consolida como espaço de construção de saberes voltados ao desenvolvimento de atitudes responsáveis e solidárias no uso do dinheiro (Brasil, 2018; Matos *et al.*, 2022).

A pergunta-problema deste artigo é: “Como a educação financeira pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da consciência crítica dos adolescentes em relação ao uso do dinheiro e à preparação para o mundo do trabalho? “. Sendo objetivo geral analisar os benefícios e os métodos pedagógicos aplicáveis ao ensino de educação financeira na adolescência, buscando compreender seu papel na formação de jovens autônomos e conscientes em relação à gestão de recursos e às escolhas econômicas.

São objetivos específicos: (i) identificar os principais conceitos e princípios que fundamentam a educação financeira voltada ao público adolescente; (ii) investigar metodologias e estratégias pedagógicas eficazes para o ensino da educação financeira nesse período da vida escolar; (iii) avaliar os impactos da educação financeira no comportamento e na tomada de decisões dos adolescentes diante das realidades de consumo e do mundo do trabalho.

A justificativa deste é refletir sobre a educação financeira na adolescência significa compreender seu papel estratégico na promoção da autonomia, da criticidade e da responsabilidade social dos jovens. O tema ganha relevância não apenas por suas implicações econômicas, mas também por seu potencial transformador no processo educativo. Ao desenvolver conhecimentos financeiros contextualizados e éticos, o estudante torna-se capaz de participar ativamente das decisões que envolvem sua vida pessoal e coletiva, contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente e equilibrada.

A pesquisa foi conduzida por meio de uma revisão de literatura exploratória e qualitativa, com o propósito de reunir, analisar e interpretar produções científicas sobre a educação financeira na adolescência. Foram realizadas buscas em bases de dados como Google Acadêmico e SciELO, selecionando publicações relevantes e atualizadas que abordassem o tema. As informações coletadas foram analisadas de forma interpretativa e categorial, permitindo identificar os principais conceitos, benefícios e estratégias de ensino presentes nos estudos. A partir dessa análise, os resultados foram organizados em eixos temáticos — princípios, benefícios e estratégias de ensino —, o que possibilitou uma compreensão crítica e sistematizada do papel da educação financeira na formação de adolescentes.

2 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira baseia-se em princípios que visam promover a autonomia, a criticidade e a responsabilidade na gestão dos recursos pessoais e coletivos. Segundo Meneghetti Neto *et al.* (2014), trata-se de um processo formativo contínuo que busca desenvolver no indivíduo a capacidade de compreender o funcionamento do sistema econômico e de agir de maneira consciente diante das decisões financeiras. Esses princípios não se limitam ao controle de gastos, mas envolvem a construção de valores éticos e de uma postura reflexiva em relação ao consumo e à sustentabilidade social.

Melo (2021) reforça que o primeiro princípio fundamental da educação financeira é o autoconhecimento. Antes de lidar com o dinheiro, o indivíduo precisa compreender seus próprios hábitos, desejos e necessidades. Essa consciência pessoal possibilita decisões mais equilibradas e evita comportamentos impulsivos. Assim, a educação financeira se torna também uma prática de autogestão emocional, na medida em que estimula o controle e a reflexão sobre as próprias atitudes de consumo.

De acordo com Xavier (2022), outro princípio essencial é a organização financeira, entendida como a capacidade de planejar e administrar recursos de forma sistemática. Esse princípio envolve o desenvolvimento de competências relacionadas à elaboração de orçamentos, à priorização de despesas e ao planejamento de metas financeiras de curto e longo prazo. A prática da organização possibilita o uso racional dos recursos e contribui para a estabilidade econômica individual e familiar.

Domingos (2018) amplia essa compreensão ao afirmar que a educação financeira deve ser encarada como uma ciência comportamental, uma vez que o modo como as pessoas lidam com o dinheiro está diretamente ligado a fatores emocionais e culturais. Nesse sentido, o princípio da disciplina financeira surge como elemento indispensável, pois requer constância, planejamento e consciência dos impactos das escolhas diárias. A disciplina permite transformar o conhecimento teórico em atitudes concretas e sustentáveis.

A responsabilidade social constitui um princípio estruturante da educação financeira, especialmente quando inserida no ambiente escolar. A formação financeira não deve servir apenas à gestão individual, mas também ao entendimento do papel do cidadão na sociedade de consumo. Educar financeiramente é educar para o exercício

consciente da cidadania, o que implica reconhecer as desigualdades sociais e buscar práticas solidárias e éticas no uso dos recursos (Ancelmo; Messias, 2022).

Augustinis *et al.* (2012) argumentam que a educação financeira não pode restringir-se à lógica do capital, pois, quando orientada unicamente por valores de mercado, corre o risco de reforçar a alienação e a desigualdade. Os autores defendem uma educação financeira crítica, que promova a emancipação do sujeito e o questionamento das estruturas econômicas dominantes. Assim, o princípio da criticidade torna-se fundamental para formar cidadãos capazes de compreender as relações entre economia, poder e justiça social.

Campos *et al.* (2015) complementam essa perspectiva ao afirmarem que a educação financeira deve dialogar com a educação matemática e a educação crítica, promovendo uma aprendizagem contextualizada. O princípio da interdisciplinaridade permite que o tema seja explorado a partir de diferentes campos do saber, relacionando números, valores e práticas sociais. Essa integração favorece a compreensão de fenômenos econômicos e amplia a capacidade de análise dos estudantes sobre o mundo em que vivem.

Meneghetti Neto *et al.* (2014) destacam também o princípio da autonomia financeira, que se refere à capacidade do indivíduo de tomar decisões responsáveis e coerentes com sua realidade econômica. A autonomia não se limita à independência monetária, mas implica desenvolver senso de responsabilidade, discernimento e consciência crítica diante das oportunidades e desafios financeiros. Esse princípio é central na adolescência, fase em que o jovem começa a experimentar a liberdade de escolha e o uso do dinheiro.

Outro princípio essencial é o da educação contínua, uma vez que o aprendizado financeiro não se esgota na escola. O autor destaca que a educação financeira deve ser permanente e evolutiva, acompanhando as transformações econômicas, tecnológicas e sociais. Essa continuidade garante que o indivíduo mantenha uma postura flexível e adaptável frente às novas formas de consumo e aos desafios da vida financeira adulta (Domingos, 2022).

Melo (2021) observa que o planejamento financeiro é princípio basilar, pois orienta a utilização consciente dos recursos e a definição de metas realistas. Planejar envolve refletir sobre prioridades, prever imprevistos e tomar decisões baseadas em

informações seguras. Esse princípio, quando trabalhado na escola, contribui para a formação de jovens mais prudentes e preparados para lidar com situações econômicas diversas.

Augustinis *et al.* (2012) alertam que uma educação financeira baseada apenas na racionalidade técnica pode ignorar dimensões éticas e afetivas do consumo. Dessa forma, propõem o princípio da humanização do ensino financeiro, em que se reconhece a importância das emoções, da cultura e das relações sociais nas escolhas econômicas. Tal princípio rompe com a visão mecanicista do dinheiro e propõe uma educação voltada à formação integral do sujeito.

Xavier (2022) enfatiza o princípio da transformação social, argumentando que a educação financeira deve contribuir para a mudança de mentalidades e comportamentos na sociedade. Ao compreender o impacto coletivo de suas decisões financeiras, o indivíduo passa a agir de forma mais consciente e responsável. Assim, a educação financeira deixa de ser apenas um instrumento individual e se torna um agente de transformação ética e social.

Portanto, a consolidação dos princípios da educação financeira requer o compromisso de toda a comunidade escolar. O envolvimento de professores, gestores e famílias é indispensável para a efetivação de práticas pedagógicas consistentes e transformadoras. Esses princípios, ao serem aplicados de forma crítica e interdisciplinar, contribuem para a formação de adolescentes mais conscientes, autônomos e comprometidos com o uso ético dos recursos, fortalecendo a cidadania e a equidade social.

2.1 Benefícios da educação financeira na adolescência

A educação financeira, quando introduzida durante a adolescência, oferece benefícios que ultrapassam o simples domínio de conceitos econômicos. Graciani e Silva (2020) afirmam que o principal ganho está na formação de uma consciência social e econômica crítica, que permite ao jovem compreender seu papel no sistema financeiro e suas responsabilidades diante do consumo. Ao refletir sobre o impacto de suas decisões, o adolescente desenvolve senso de cidadania, solidariedade e planejamento, tornando-se capaz de agir com responsabilidade frente aos desafios da vida adulta.

De acordo com Matos *et al.* (2024), a inserção da educação financeira nas escolas contribui diretamente para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Ao aprenderem a administrar pequenas quantias, planejar gastos e estabelecer metas, os adolescentes fortalecem a capacidade de tomar decisões conscientes. Esse aprendizado os prepara para enfrentar situações futuras com segurança, prevenindo o endividamento e incentivando o uso racional dos recursos disponíveis.

Hurtado e Freitas (2020) ressaltam que a educação financeira promove também mudanças comportamentais significativas, pois influencia atitudes, hábitos e valores relacionados ao dinheiro. Ao compreender o valor do trabalho e o processo de obtenção de renda, o estudante passa a atribuir novo significado ao consumo, distinguindo necessidades reais de desejos superficiais. Essa mudança de mentalidade é essencial para o equilíbrio financeiro e emocional, reduzindo comportamentos impulsivos.

Para Cardia *et al.* (2024), outro benefício importante é o fortalecimento da autoconfiança. O domínio de noções financeiras básicas gera sensação de controle sobre a própria vida, aumentando a autoestima e a motivação dos jovens. Quando o adolescente percebe que é capaz de gerir recursos, ainda que de forma simples, ele se sente mais preparado para lidar com responsabilidades maiores. Esse processo reforça a maturidade e contribui para a formação de uma postura proativa diante dos desafios pessoais e profissionais.

Pelicioli (2011) destaca que o aprendizado financeiro na adolescência favorece a formação de hábitos saudáveis e sustentáveis. A educação financeira estimula o planejamento de curto e longo prazo, o consumo consciente e a valorização do esforço pessoal. Com isso, o jovem passa a enxergar o dinheiro como ferramenta de realização e não como fim em si mesmo. Essa perspectiva fortalece a ética no consumo e contribui para a construção de uma cultura econômica mais justa e equilibrada.

Segundo Clem (2024), os benefícios da educação financeira estendem-se também à preparação para a vida adulta e o mundo do trabalho. Compreender princípios de orçamento, poupança e investimento auxilia o adolescente a planejar sua trajetória acadêmica e profissional. Além disso, essa formação estimula a responsabilidade e a capacidade de estabelecer prioridades, competências essenciais para a inserção social e econômica.

Graciani e Silva (2020) apontam que a educação financeira escolar atua como instrumento de inclusão social, uma vez que democratiza o acesso ao conhecimento

econômico, historicamente restrito a determinados grupos. Ao oferecer essa aprendizagem a todos, a escola contribui para reduzir desigualdades e promover a equidade. Assim, o ensino financeiro deixa de ser privilégio e se transforma em direito, fortalecendo o papel da educação como agente de transformação social.

Matos *et al.* (2024) observam ainda que o ensino de finanças pessoais estimula o pensamento crítico e reflexivo dos adolescentes. Ao discutir temas como consumo, crédito e publicidade, o aluno passa a compreender as estratégias de mercado e a reconhecer seus efeitos sobre o comportamento individual e coletivo. Esse tipo de reflexão amplia a capacidade de análise e fortalece a consciência sobre os próprios atos, o que contribui para uma cidadania mais ativa e responsável.

Ainda, Clem (2024) ressalta que os benefícios da educação financeira se refletem na construção de uma vida adulta mais equilibrada e sustentável, tanto no aspecto econômico quanto emocional. Jovens que aprendem desde cedo a lidar com o dinheiro demonstram maior estabilidade, senso de responsabilidade e preparo para enfrentar imprevistos. Desse modo, a educação financeira na adolescência constitui um investimento formativo de longo prazo, que contribui para a autonomia, a igualdade de oportunidades e o fortalecimento social.

3 ESTRATÉGIAS DE ENSINO

As estratégias de ensino da educação financeira na adolescência devem ser pensadas a partir de práticas dinâmicas, interativas e contextualizadas, capazes de relacionar teoria e vivência cotidiana. De acordo com Silva et al. (2022), o ensino financeiro se torna mais efetivo quando estimula a participação ativa dos estudantes, promovendo a reflexão sobre suas próprias práticas de consumo e planejamento. Assim, a aprendizagem deixa de ser meramente informativa e passa a ser formativa, contribuindo para a construção de uma visão crítica sobre o uso do dinheiro.

A utilização de jogos e dinâmicas educativas tem se mostrado uma das metodologias mais eficazes para o ensino da educação financeira. Santos (2024) desenvolveu o jogo Finanças em Alto Mar, voltado a adolescentes, com o objetivo de facilitar a compreensão de conceitos como poupança, investimento e planejamento de gastos. Essa abordagem lúdica estimula o raciocínio, a cooperação e a tomada de decisões, tornando o aprendizado mais atraente e significativo para o público jovem.

Durante e Carvalho (2024) reforçam essa perspectiva ao apresentarem o jogo Rodada Financeira, criado para trabalhar noções de orçamento familiar, consumo consciente e planejamento financeiro. Os autores demonstram que o uso de metodologias baseadas em jogos favorece a aprendizagem experiencial, permitindo que os estudantes testem decisões financeiras em um ambiente simulado. Essa vivência prática ajuda a consolidar o conhecimento e a transferi-lo para situações reais.

Curvo e Leão (2024) destacam a gamificação como estratégia promissora na educação financeira. Ao incorporar elementos de jogos, como desafios, recompensas e feedbacks, o processo de ensino se torna mais envolvente e motivador. Essa metodologia valoriza o protagonismo do aluno, estimula a persistência diante de erros e fortalece competências como o planejamento, a negociação e a tomada de decisão — habilidades essenciais para a vida financeira responsável.

Segundo Cavalcanti (2024), a matemática desempenha papel central na consolidação das estratégias de ensino da educação financeira. Ao utilizar conteúdos como porcentagem, juros, gráficos e estatísticas, o professor pode contextualizar conceitos abstratos em situações concretas. Essa integração entre matemática e finanças permite que os estudantes percebam a aplicabilidade dos conteúdos escolares no cotidiano, fortalecendo a aprendizagem significativa e o raciocínio lógico.

Souza *et al.* (2023) enfatizam que o sucesso das estratégias de ensino depende da contextualização social e cultural das práticas educativas. As atividades devem considerar a realidade dos alunos, suas condições econômicas e seus hábitos de consumo. Ao trabalhar com exemplos reais, como orçamento doméstico, uso de crédito ou planejamento de viagens, o ensino torna-se mais próximo da vivência dos adolescentes e promove o desenvolvimento de competências práticas.

Rocha (2024) propõe uma metodologia interdisciplinar para o ensino da educação financeira no ensino médio, articulando conteúdos de matemática, sociologia e economia. Essa proposta visa promover uma aprendizagem crítica e reflexiva, em que o estudante analisa o impacto social e ético de suas decisões financeiras. A interdisciplinaridade permite compreender o dinheiro não apenas como instrumento econômico, mas também como elemento cultural e moral que influencia as relações sociais.

Azevedo *et al.* (2025) destacam a importância de inserir a educação financeira de forma sistemática e contínua nas escolas públicas. Para os autores, a inclusão desse

componente curricular contribui para a democratização do acesso ao conhecimento econômico e para a redução das desigualdades sociais. Estratégias pedagógicas planejadas, associadas à formação docente adequada, garantem que o ensino da educação financeira alcance seus objetivos de transformação e inclusão social.

Cancillier *et al.* (2024) analisam a percepção dos estudantes sobre a educação financeira no novo ensino médio, destacando que os jovens valorizam metodologias participativas e práticas. Os alunos relatam maior engajamento quando as aulas envolvem situações do cotidiano, simulações de consumo e debates sobre propaganda e crédito. Esse tipo de abordagem estimula o pensamento crítico e o senso de responsabilidade, elementos essenciais para a autonomia financeira.

Silva *et al.* (2022) observam que a educação financeira baseada em projetos favorece a cooperação e o protagonismo juvenil. Ao desenvolver atividades coletivas, como campanhas de conscientização ou feiras escolares, os alunos assumem papéis ativos na construção do conhecimento. Essas práticas fortalecem a comunicação, a tomada de decisão e o senso de comunidade, ampliando os efeitos da educação financeira para além da sala de aula.

Curvo e Leão (2024) complementam que a gamificação e as metodologias ativas devem ser acompanhadas de momentos reflexivos, nos quais os estudantes possam discutir os resultados de suas escolhas e compreender suas implicações éticas e sociais. Essa etapa de análise crítica é fundamental para que o aprendizado não se restrinja à prática mecânica, mas resulte em mudanças de comportamento e de valores.

De acordo com Rocha (2024), o papel do professor é essencial nesse processo, pois ele atua como mediador entre o conhecimento técnico e a realidade dos estudantes. A formação continuada dos docentes e o uso de recursos didáticos diversificados — como jogos, vídeos e estudos de caso — são fundamentais para aprimorar a prática pedagógica. O educador, ao contextualizar o conteúdo e estimular o diálogo, contribui diretamente para o desenvolvimento da consciência financeira dos alunos.

As estratégias de ensino voltadas à educação financeira devem priorizar metodologias participativas e reflexivas, capazes de promover o protagonismo juvenil no processo de aprendizagem. Para Campos (2013), uma educação financeira crítica precisa ir além da simples transmissão de informações sobre economia doméstica ou cálculos

financeiros. Ela deve criar espaços de debate e análise sobre as práticas de consumo, estimulando os estudantes a compreenderem como fatores sociais, culturais e midiáticos influenciam suas decisões econômicas. Nesse sentido, oficinas, estudos de caso e projetos interdisciplinares que envolvam situações reais do cotidiano — como o uso do cartão de crédito, a publicidade e o consumo digital — configuram-se como estratégias eficazes para desenvolver a consciência financeira crítica entre os jovens.

Além disso, Silva *et al.* (2023) destacam que a aprendizagem da educação financeira torna-se mais significativa quando associada às experiências pessoais e familiares dos alunos. Os autores observam que o diálogo sobre renda, gastos e prioridades dentro do ambiente escolar contribui para romper tabus e fortalecer o vínculo entre teoria e prática. Ao trabalhar com atividades que envolvem simulações orçamentárias, planejamento de metas e análise de comportamentos de consumo, o professor possibilita que os adolescentes percebam as consequências reais de suas escolhas financeiras. Essa prática estimula a responsabilidade e a tomada de decisões conscientes, competências fundamentais para a formação cidadã.

Em consonância com as diretrizes da BNCC, Matos *et al.* (2022) afirmam que a educação financeira deve ser tratada como um tema transversal, presente em diversas áreas do conhecimento. A integração com disciplinas como matemática, geografia, ciências e sociologia permite que o estudante compreenda o dinheiro como fenômeno social e não apenas como instrumento de troca. Projetos pedagógicos que envolvam o cálculo de juros, a análise de indicadores econômicos, a discussão de desigualdades sociais e o impacto ambiental do consumo ampliam a compreensão crítica dos alunos e favorecem a interdisciplinaridade. Assim, o ensino da educação financeira torna-se um meio de construção da cidadania e de fortalecimento do pensamento crítico.

Ainda, é importante destacar que o sucesso das estratégias de ensino em educação financeira depende da formação e do engajamento docente. Como ressaltam Campos (2013) e Silva *et al.* (2023), o professor deve atuar como mediador e facilitador, promovendo um ambiente de aprendizagem colaborativo e reflexivo. A utilização de recursos tecnológicos, como planilhas interativas, aplicativos de controle de gastos e jogos educativos, pode potencializar o interesse dos adolescentes e tornar o aprendizado mais dinâmico. Essas ferramentas, quando aliadas à problematização crítica e ao diálogo constante, permitem que a educação financeira seja compreendida como prática de

liberdade, preparando os jovens para enfrentar de forma ética e responsável os desafios do mundo contemporâneo.

Por fim, Azevedo *et al.* (2025) ressaltam que a efetividade das estratégias de ensino da educação financeira depende de uma articulação entre escola, família e comunidade. Quando o aprendizado ultrapassa os limites da sala de aula e envolve o cotidiano dos estudantes, ele se torna mais sólido e transformador. Assim, as estratégias pedagógicas que integram ludicidade, interdisciplinaridade e reflexão crítica consolidam a educação financeira como instrumento de emancipação e construção cidadã entre adolescentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira na adolescência configura-se como um instrumento essencial para o desenvolvimento da autonomia, da responsabilidade e da consciência crítica dos jovens diante das demandas da sociedade contemporânea. Ao proporcionar o entendimento sobre o valor do dinheiro, o planejamento e as consequências das decisões financeiras, a escola contribui para a formação integral do indivíduo e para o fortalecimento da cidadania. Assim, a inserção dessa temática no ambiente educacional representa um avanço significativo na construção de uma cultura econômica mais justa e equilibrada.

Os princípios que fundamentam a educação financeira evidenciam que seu objetivo vai além do domínio de técnicas de gestão de recursos. Eles envolvem valores éticos, atitudes conscientes e o reconhecimento das dimensões sociais e humanas que permeiam as relações econômicas. A adoção de práticas educativas que priorizem a criticidade, a autonomia e a responsabilidade possibilita que o estudante compreenda o papel do dinheiro não apenas como meio de consumo, mas como elemento que influencia diretamente a qualidade de vida e a convivência social.

Os benefícios da educação financeira para os adolescentes tornam-se evidentes quando se observa a transformação de comportamentos e percepções sobre o consumo e o planejamento. Ao aprender a administrar seus recursos, o jovem passa a desenvolver hábitos saudáveis e sustentáveis, fortalecendo sua capacidade de tomada de decisão. Além disso, o conhecimento financeiro adquirido na escola contribui para a redução das

desigualdades e para o preparo dos estudantes em relação aos desafios do mundo do trabalho e da vida adulta.

As estratégias de ensino analisadas demonstram que o aprendizado sobre finanças deve ser construído de maneira participativa, interdisciplinar e contextualizada. O uso de jogos, projetos, atividades práticas e metodologias ativas favorece a compreensão dos conceitos e desperta o interesse dos estudantes. Quando o ensino é associado à vivência cotidiana, ele se torna significativo e promove mudanças reais no comportamento financeiro dos adolescentes.

É importante destacar que a efetividade da educação financeira depende do envolvimento coletivo entre escola, professores, famílias e comunidade. A formação docente adequada e o uso de recursos didáticos inovadores são fundamentais para garantir que o conteúdo seja transmitido de forma acessível e crítica. Dessa maneira, o ensino das finanças pessoais assume um papel social transformador, ao estimular o protagonismo juvenil e a reflexão sobre o consumo e a responsabilidade social.

Conclui-se, portanto, que a educação financeira na adolescência é uma ferramenta indispensável para a formação de cidadãos conscientes, autônomos e comprometidos com o uso ético dos recursos. Sua implementação contínua e bem estruturada nas escolas representa não apenas uma ação pedagógica, mas também um compromisso com o desenvolvimento humano e social.

REFERÊNCIAS

ANCELMO, Lúcia Aparecida; MESSIAS, Renan Augusto. Educação financeira na educação básica. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 17, p. e112111738295-e112111738295, 2022.

AUGUSTINIS, Viviane Franco; COSTA, Alessandra de Sá Mello; BARROS, Denise Franca. Uma análise crítica do discurso de educação financeira: por uma educação para além do capital. **Revista ADM. MADE**, v. 16, n. 3, p. 79-102, 2012.

AZEVEDO, Andrei Pereira de et al. A importância da educação financeira nas escolas públicas. **Research, Society and Development**, v. 14, n. 9, p. e9614949554-e9614949554, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.

CAMPOS, André Bernardo; KISTEMANN JR, M. A. Investigando como a educação financeira crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos consumidores (JIC'S). **Mestrado Profissional em Educação Matemática**. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

CAMPOS, Celso Ribeiro; TEIXEIRA, James; COUTINHO, Cileda de Queiroz e Silva. Reflexões sobre a educação financeira e suas interfaces com a educação matemática e a educação crítica. **Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 556-577, 2015

CANCILLIER, Sarah Galatto; CARDOSO, Eloir Fátima Mondardo; MADEIRA, Kristian; UGGIONI, Edison. **Percepção dos estudantes sobre o componente de educação financeira no novo ensino médio**. SciELO Preprint. 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7812>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CARDIA, Fernanda Juliani; MORAES, Nicollas Henrique de; SANTOS, Nicolly Rosa Brandão dos; RIBEIRO, Rebeca dos Santos; LINO, Vitor Domiciano. **A importância da educação financeira para jovens**. 2024. 19 p. Artigo científico (Administração integrado ao ensino médio) — Etec Professor Mário Antonio Verza, Palmital, São Paulo. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/27566>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CAVALCANTI, Tatiana Carvalho Ramos. A adoção da matemática na educação financeira familiar no ensino fundamental. 2024. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Matemática) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 04 jul. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/31334>. Acesso em: 15 dez. 2025

CLEM, Valéria de Mello Costa. A importância da inserção da educação financeira nas escolas na preparação de crianças e adolescentes para a vida adulta. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) - **Centro Universitário UNIFACIG**, Manhuaçu, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositorioctcc/article/view/4426>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CURVO, Evaleis Fátima; LEÃO, Marcelo Franco. A gamificação como estratégia de ensino para a Educação Financeira na Educação Básica. **CoInspiração-Revista dos Professores que Ensinam Matemática**, v. 7, p. e2024015-e2024015, 2024. Disponível em: <https://sbemmatogrosso.com.br/publicacoes/index.php/coinspiracao/article/view/17>. Acesso em 11 dez. 2025

DE MATOS, Patrícia Gomes; Do Nascimento Simão, Thamires; SANTANA, Elisângela Leão. A importância da educação financeira para jovens e adolescentes: estudo de caso na escola centro de educação de tempo integral de boca do acre. **Revista Acadêmica Online**, v. 10, n. 51, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/380871862>. Acesso em: 12 dez. 2025

DOMINGOS, Reinaldo Aparecido. Educação financeira uma ciência comportamental. - **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 4, p. e341217-e341217, 2022. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1217>. Acesso em: 12 dez. 2025

DURANTE, Alessandra Mendes; CARVALHO, Flávia de Oliveira. Rodada Financeira: jogo de educação financeira para adolescentes. **Design de jogos Educativos: da ideia ao jogo**, p. 37. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8661624>. Acesso: Acesso em: 12 dez. 2025

GRACIANI, Carollini Silva Thomaz; SILVA, Leonardo Dias. Educação financeira nas escolas como instrumento de consciência social para adolescentes. **Educação Contemporânea-Volume 22**, p. 33, 2020.

HURTADO, Antonio Paulo Guillen; FREITAS, Carlos Cesar Garcia. A importância da educação financeira na educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 3, p. 56-76, 2020.

MATOS, Thiago Vieira de; IGNACIO, Fabiana; DITTA, Aline Wanderley Camisassa; RAMIREZ, Rodrigo Avella. Educação financeira como tema transversal na Base Nacional Comum Curricular – BNCC. **Refas – Revista FATEC Zona Sul**, v. 8, n. 3, p. 1-18, 2022

MELO, Karen Gabrielly Gomes de. EDUCAÇÃO FINANCEIRA. **Revista Diálogos: Economia e Sociedade (ISSN: 2594-4320)**, v. 5, n. 1, p. 76-92, 2021. <https://periodicos.saolucas.edu.br/dialogos/article/view/1052>. Acesso em: 12 dez. 2025.

MENEGHETTI NETO, Alfredo; FALCETTA, Flávio Paim; RASSIER, Leandro Hirt; MARCHIONATTI, Wilson. Educação financeira. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2014. PELICIONI, Alex Ferranti. **A relevância da educação financeira na formação de jovens**. 2011. (Dissertação) Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ROCHA, Jackeline. **Educação financeira na sala de aula**: uma proposta metodológica para o ensino da matemática no ensino médio. 2024.

SANTOS, Mariana Ferreira dos. **Finanças em alto mar**: jogo para educação financeira de adolescentes. 2024.

SILVA, Gláucia Filomena Martins dos Santos et al. **Educação financeira e aprendizagem**: contribuições para a consciência financeira dos jovens. 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRRJ-1_27703342504c30fc868095cab09e6178. Acesso em: 12 dez. 2025.

SILVA, Lidiane Cavalcante da et al. Educação financeira e estratégias de ensino para uma melhor qualidade de vida: um estudo com alunos dos anos finais do ensino fundamental. 2022. Disponível: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29201>. Acesso em: 12 dez. 2025.

SOUZA, Charleston Sperandio de; DE SÁ NICOLI, Alice Aparecida Teixeira; CASTRO, Leonardo Caus. Um estudo sobre a educação financeira nas escolas. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 2, n. 1, 2023. Disponível em: <https://rmun.edu.br/index.php/revistamultidisciplinardoestadomineiro/article/view/17>. Acesso em: 12 dez. 2025.

XAVIER, Erico Tadeu. Educação financeira: reflexão, princípios e organização. *Kerygma*, v. 17, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kerygma/article/view/48669>. Acesso em: 12 dez. 2025